

EXTENSÃO EM MOVIMENTO: A PESQUISA COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA E JOVENS SECUNDARISTAS NO CHÃO DA ESCOLA PÚBLICA

EXTENSION IN MOTION: RESEARCH WITH PSYCHOLOGY STUDENTS AND YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS ON THE PUBLIC SCHOOL FLOOR

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e2.a2025.id2155

Recebido em: 31.07.2024 | Aceito em: 02.02.2025

Rochelly Rodrigues Holanda^{a*}, Ariene Sousa Candido Matias^b, Erick Matheus Sales Pinto^b, Abner Oliveira Lopes da Silva^a, Tadeu Lucas de Lavor Filho^c

Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza – CE, Brasil^a

Centro Universitário INTA – UNINTA, Itapipoca – CE, Brasil^b

Universidade Estadual do Ceará – UECE, Iguatu – CE, Brasil^c

***E-mail: rchlholanda@gmail.com**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a formação de estudantes de Psicologia, na área da Psicologia escolar/educacional, a partir de um curso de extensão sobre o discurso de ódio com estudantes secundaristas do ensino médio profissionalizante em um instituto federal no nordeste brasileiro. O curso de extensão ocorreu no segundo semestre de 2023 e o local selecionado para a extensão foi um *campus* do instituto federal no qual os participantes foram os estudantes do ensino integrado com faixa etária entre 16 a 19 anos. Seis estudantes extensionistas constituíram a equipe discente responsável pela elaboração e execução das atividades do curso, fruto do percurso metodológico da Pesquisa-Intervenção (PI) proveniente da tese de doutorado da docente coordenadora do curso de extensão. Como resultado da atividade foi possível contribuir para o debate sobre a formação do psicólogo escolar/educacional por meio do chão da escola pública, evidenciando que as vivências evocadas na PI são imprescindíveis à construção da extensão na formação acadêmica.

Palavras-chave: Escola; Psicologia Escolar e Educacional; Pesquisa-Intervenção.

ABSTRACT

This work aims to discuss the education of Psychology students, in the area of school/educational Psychology, based on an extension course about hate speech with high schoolers of the second grade at a federal institute in the Brazilian northeastern. The extension course took place in the second semester of 2023 and the location selected for the extension was a federal institute campus in which the participants were integrated education students aged between 16 and 19 years old. Six extension students constituted the student team responsible for preparing and executing the course activities, which originated as a result of the methodological path regarding the Intervention Research (IR) from the doctoral thesis of the professor coordinating the extension course. As a result of the activity, it was possible to contribute to the debate on the education of school/educational psychologists through the public school floor, showing that the experiences evoked in the IR are essential to the construction of extension in academic education.

Keywords: School; School and Educational Psychology; Intervention-Research.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a formação de estudantes de Psicologia, na área da Psicologia escolar/educacional, a partir de um curso de extensão sobre o discurso de ódio com estudantes secundaristas do ensino médio profissionalizante em um instituto federal no Nordeste brasileiro. Durante a realização do curso de extensão, os participantes enunciaram e coletivizaram experiências e percepções acerca do discurso de ódio enquanto ferramenta política e sua proliferação como intrinsecamente relacionada ao paradigma atual de ultra exposição e lógica de consumo presente em toda a internet, predominantemente nas redes sociais.

Durante o desenvolvimento do curso de extensão e conforme as facetas do discurso de ódio vão sendo abordadas, emergem afetos e atravessamentos inescapáveis a uma pesquisa-intervenção (ROCHA; AGUIAR, 2003) e que dizem respeito às identidades presentes no espaço do curso, da instituição e na rede de apoio das/dos participantes. Nesse sentido, a atividade do curso – conduzida simultaneamente como pesquisa e extensão conjuntamente com alunos de graduação – desponta como importante momento formativo para a equipe responsável pela realização do curso. A administração dos afetos provenientes de vivências que dizem respeito a violências e violações de direitos, bem como o entendimento dos alunos de graduação enquanto agentes que influenciam e são influenciados pelos estudantes aparecem no desenvolvimento do curso como valiosas e potentes contribuições formativas para a atuação em Psicologia Escolar.

O discurso de ódio, enquanto uma categoria de insulto, é dito por Butler (2021) como capaz de deslocar o ouvinte socialmente. Embora em nossa sociedade atual os indivíduos estão em situação de igualdade jurídica havendo instrumentos legais e institucionais que supostamente garantem esse status, o discurso de ódio aparece como capaz de – ainda que momentaneamente – romper com tal igualdade, colocando o alvo desse discurso, o ouvinte, abaixo do falante e ainda durante esse movimento colocando em risco o seu corpo, a sua segurança e a sua existência. Butler diz ainda que a linguagem cumpre a função de posicionar o indivíduo socialmente, posicionando-o em relação aos seus grupos

sociais pertencentes e não pertencentes. Nesse sentido, o xingamento, assim como o discurso de ódio, também posiciona o indivíduo, ainda que seja para afirmar que ele não pertence a lugar nenhum (BUTLER, 2021).

A partir disso, a vivência escolar ocupa uma centralidade daqueles que estão inseridos na instituição, uma vez que a escola e as relações construídas e desenvolvidas nela possuem papel norteador para a vivência comunitária e desenvolvimento de personalidades através das referidas culturas juvenis (LIMA FILHO, 2014). Apesar da crescente informatização que toma conta cada vez mais das interações interpessoais, a escola ainda fornece institucional e vivencialmente um espaço onde as juventudes se estabelecem, interagem e abrem margem para profícuas pesquisas COM jovens. O chão da escola, enquanto espaço onde surgem também enunciações que são percebidas como odiosas e direcionadas a ferirem certos corpos, constitui-se como um plano de fundo para a discussão do que acontece tanto dentro quanto fora da internet. Sendo assim parte indissociável de como as juventudes ali presentes constituem suas formas de percepção e enfrentamento ao discurso de ódio nos múltiplos espaços de convivência, sejam eles virtuais ou não.

Deste modo, as reflexões propostas neste estudo articulam a enunciação do chão da escola como um território de sociabilidade juvenil e o processo formativo de futuras psicólogas e psicólogos que passam a compreender as nuances do discurso de ódio como objeto de intervenção micropolíticas do cotidiano escolar. A Psicologia se insere nos territórios escolares/educacionais produzindo diferentes modos de atuar e intervir no desenvolvimento sócio-afetivo de crianças e jovens, na formação de professores e no trabalho colaborativo para a resolução dos problemas institucionais (MIRANDA *et al.*, 2018; MIRANDA *et al.*, 2020). Isso significa que sua presença é também parte de uma composição que é atravessada historicamente pelas relações de poderes e saberes que disputam narrativas e ordenamentos na escola (VERONESE; MACHADO, 2022).

A atuação da Psicologia nos espaços escolares/educacionais constitui objeto de interesse sobre a formação de psicólogas e psicólogos desde a sua regulamentação em 1962, ainda que a presença do saber psicológico já estivesse presente nos cursos de formação

de professores e nas instituições que deliberadamente atuavam no atendimento remediativo de crianças e adolescentes encaminhados com queixas de problemas de aprendizagem (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010). Inicialmente, durante as décadas de 1960 a 1970 a atuação das psicólogas e psicólogos nos contextos escolares estava centrada no acompanhamento individual de teor clínico e terapêutico dos desajustamentos de comportamentos escolares (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010), cuja atuação passou a resistir a esse dilema a partir dos anos de 1980 influenciados pela crise da Psicologia no Brasil nos campos da psicologia social e da reforma psiquiátrica (GUZZO *et al.*, 2010; SOUZA FILHO *et al.*, 2023).

A formação profissional e a produção de conhecimento em torno da Psicologia Escolar/Educacional passam a ser discutidas sob o prisma das reflexões institucionais, psicossociais e análises críticas sobre o cotidiano escolar e as relações de saberes que atravessam as demandas escolares (SOUZA FILHO *et al.*, 2023). O entrelaçamento entre a formação e os tensionamentos da atuação já começam durante os estágios profissionais, que é também um espaço para reproduções e rupturas com as representações engessadas de determinadas heranças históricas concebidas a Psicologia Escolar, constituindo-se como um espaço para produzir diferentes maneiras de pensar criticamente sobre o chão das escolas e seus dilemas (MACHADO, 2014).

MÉTODO

Pesquisa-intervenção

Esta pesquisa encontra-se ancorada na potência política da Pesquisa-Intervenção (ROCHA; AGUIAR, 2003) com juventudes no contexto escolar, por meio de uma proposta de pesquisar COM os estudantes e COM a escola pública (MIRANDA *et al.*, 2016). No que concerne às transformações nos planos micro e macrosociais e no processo de produção do debate contemporâneo sobre discursos de ódio e seus efeitos no cotidiano escolar, a pesquisa-intervenção oferece subsídios para discutirmos a partir do conhecimento e do debate COM a juventude novas análises como dispositivo de transformação da realidade vivida.

Local da pesquisa

Esta pesquisa se delinea como eminentemente qualitativa, utilizando informações específicas de um Instituto Federal localizado no interior do nordeste brasileiro. O *campus* do referido instituto oferta cursos Técnicos Integrados (para quem deseja cursar o Ensino Médio) e Técnicos Subsequentes (para quem já concluiu o Ensino Médio). Além disso, a instituição oferece cursos de formação inicial (carga horária igual ou superior a 160 horas) e formação continuada (voltado para aqueles que já possuem conhecimento e/ou atuação na área e buscam atualização e/ou aprofundamento de conhecimentos, possuindo carga horária mínima de 40 horas). A instituição possuía no semestre letivo de 2023.2 um total de 533 alunos matriculados no ensino médio integrado e licenciaturas nos cursos de física e música.

Discentes extensionistas

A equipe discente teve particular importância em toda a construção e discussão sobre as vivências compartilhadas no curso de extensão. Os extensionistas estiveram implicados com o campo e foram responsáveis pela divulgação, contato com os participantes e mediação dos encontros, propondo intervenções e articulando experiências.

A proposta da temática do curso é fruto de uma tese de doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia de uma universidade pública do Nordeste brasileiro. Paralelo à construção do curso de extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar, os discentes extensionistas se articularam em um Projeto de Extensão e grupo de estudos sobre o livro *Discurso de ódio: uma política do performativo* da autora Judith Butler (2021). Tínhamos preocupação de que os extensionistas compreendessem do que se trata o fenômeno do discurso de ódio, bem como pudessem dar aporte às discussões e afetos evocados nos encontros do curso de extensão com os alunos secundaristas.

A seleção dos discentes extensionistas para compor a equipe que realizou o curso de extensão ocorreu mediante análise da aproximação com o campo da Psicologia Escolar e Educacional, bem como com o próprio território no qual se constituiu a pesquisa-

intervenção. Assim, a composição da equipe se deu por seis estudantes que cursavam o oitavo e nono período do curso de Psicologia em um Centro Universitário localizado na mesma cidade do Instituto Federal.

A escolha por estudantes dos últimos semestres aconteceu tendo em vista que todos estavam nos Estágios de Formação Profissional, sendo que uma parte dos discentes estava no campo de estágios em Psicologia Escolar e Educacional (quatro estudantes) no Instituto Federal e parte estava na ênfase de Psicologia Clínica (dois estudantes). A aproximação com os dois campos de formação em Psicologia subsidiou a construção de uma facilitação de grupo implicada nas demandas que emergiram durante o curso de extensão, prezando o devido cuidado com os afetos evocados no curso da pesquisa.

Esse contorno permitiu que a maior implicação afetiva dos alunos e o manejo das práticas em Psicologia oferecessem maior suporte e acolhimento aos sujeitos participantes do curso de extensão. Os discentes extensionistas cumpriram as atividades referentes ao curso como atividades de extensão, certificados junto ao Projeto de Extensão: “É da Nossa Escola que Falamos” e ao Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, ambos vinculados a tese de doutorado e ao programa de pós-graduação em Psicologia citados anteriormente.

Artefatos metodológicos

Curso de Extensão

O Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar ocorreu no segundo semestre de 2023 e foi organizado em parceria interinstitucional entre duas instituições de ensino superior com o apoio do instituto federal no qual se deu o campo da pesquisa-intervenção. O objetivo do curso de extensão foi promover debates transversais sobre o conceito de discurso de ódio em ambientes virtuais, fomentando possibilidades de proteção e prevenção à violência a partir da juventude na escola. A facilitação do curso ocorreu por meio de uma equipe formada por uma pesquisadora/professora de um centro universitário e seis pesquisadores discentes, selecionados mediante edital de projetos de extensão na mesma instituição.

O curso ocorreu de forma híbrida e foi ofertado gratuitamente, seu cotidiano se deu em seis encontros semanais (12h presenciais e 12h assíncronas), de novembro a dezembro de 2023, perfazendo uma carga horária de 24h entre atividades presenciais e assíncronas, nas quais os participantes realizaram produções coletivas e individuais sobre as temáticas do curso. Sobre o público-alvo, o curso foi elaborado para atender aos discentes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal, oferecendo um espaço de discussão para aqueles alunos que desejaram discutir a temática dos efeitos dos discursos de ódio em ambientes virtuais no cotidiano escolar. Foram disponibilizadas 30 vagas aos alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos dos cursos integrados, preenchidas conforme ordem de inscrição via *Google Forms*.

Os participantes dessa pesquisa foram jovens, estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, matriculados nos seguintes cursos: Técnico Integrado em Edificações, Técnico Integrado em Mecânica e Técnico Integrado em Informática, na faixa etária de 15 a 19 anos. Trabalhamos com um perfil de participantes heterogêneos em relação à raça/etnia, ao gênero, à orientação sexual, ao território e à classe social. Obtivemos um total de 36 inscrições para o curso de extensão (as informações sobre o curso serão melhor detalhadas nos próximos tópicos), no entanto 27 chegaram ao fim do curso com 75% de participação. Quanto à faixa etária, havia adolescentes entre 16 e 20 anos.

Metodologicamente, o curso foi conduzido a partir de discussões pautadas em perspectivas crítico-reflexivas de construtos teórico-práticos da Psicologia Social, Psicologia Escolar e Educacional e abordagens afins. E, ainda, contou com metodologias ativas síncronas e assíncronas, tais como produção de textos, desenhos, pinturas e colagens pelos discentes, além de rodas de conversa. Os módulos do curso foram pautados pela relação: aulas x contexto social, problematizando realidades vivenciadas pelos discentes, baseando-se, ao mesmo tempo, por diretrizes conceituais, metodológicas e práticas. As metodologias ativas envolveram trabalhos individuais sobre as temáticas dos encontros, tais como produção de desenhos, poesias, rodas de conversa e produção de murais.

A avaliação dos discentes se deu processualmente,



realizada a partir da participação nos encontros semanais. Além disso, foi construído, ao final dos encontros, a elaboração de um mural da resistência, operado a partir das temáticas debatidas no curso e que resultou na restituição do curso de extensão para a escola. Foram produzidos murais da resistência, a partir da produção de materialidades relacionadas à temática dos Efeitos dos Discursos de ódio em ambientes virtuais no cotidiano escolar. Foram certificados os participantes do curso que trouxeram a documentação de consentimento assinada pelos responsáveis, e que cumpriram 75% de presença no curso (mínimo de 5 encontros).

A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e está vinculada a

um projeto guarda-chuva, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil pelo Comitê de Ética, sob o parecer nº 4.729.878.

Os encontros do curso de extensão presenciais foram gravados em áudio com a devida autorização dos participantes. Para isso, atendemos a Resolução nº 510, 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, bem como garantindo o sigilo e salvaguarda das informações pessoais. O conteúdo programático do curso de extensão pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1. Conteúdo programático do Curso de Extensão.

Módulo I - Que papo é esse de discurso de ódio online?	
08/11/2023	Bases do discurso de ódio, violência e redes sociais: Novos campos de batalha e resistência a partir da escola
Módulo II – Conhecer para se proteger: Adolescência e os desafios da privacidade online	
29/11/2023	Trolls, bots e haters: Não alimente esse squad!: Limites do anonimato e da exposição em redes sociais
06/11/2023	Os efeitos pós-pandemia da Covid-19 para a socialização em ambientes virtuais
Módulo III - Educar contra o preconceito é resistência: A importância da Educação em Direitos Humanos na adolescência	
13/12/2023	Dá um like: Direitos Humanos e a Conscientização da educação para a cidadania e uma convivência ética no meio digital.
20/12/2023	Escola, família e o papel das redes de apoio: Compartilhando a comunicação não-violenta e construindo narrativas alternativas
16/03/2024	Atividade de Restituição na escola: Mural da Resistência

Os módulos e tópicos de discussão dos encontros foram pensados a partir da seguinte ementa: Definição do conceito de discurso de ódio, identificando conteúdos de extremismo e violência em ambientes virtuais. A relação entre o cotidiano escolar e a expressão de discursos de ódio em redes sociais online. Marcadores sociais de gênero, raça/etnia e classe social para compreender o que são direitos humanos e suas violações. Uso seguro de tecnologias na adolescência no período pós-pandemia da COVID-19. Possibilidades de proteção e prevenção à violência a partir da centralidade da escola.

Para mediação dos encontros, a equipe facilitadora se reunia semanalmente por duas horas antes do horário dos encontros para planejamento e posteriormente havia encontros com a parceria interinstitucional para discussão sobre o campo e diálogos sobre os afetos provocados a cada encontro, bem como construção coletiva dos diários

de campo.

Diários de campo

Sob as trilhas metodológicas da pesquisa-intervenção, a relação entre pesquisador(a), participantes e fenômeno pesquisado entrelaçam-se em um aspecto crucial da produção de conhecimento, uma vez que determina os próprios caminhos da pesquisa (KROEF; GAVILLON; RAMM, 2020). Nesse ínterim, desde o início da reestruturação deste trabalho, os diários de campo e as implicações afetivas ali escritas, mobilizaram o percurso criado para pesquisar esta temática. Assim, ao adotarmos a pesquisa-intervenção como proposta teórico-metodológica, os diários de campo e a restituição possibilitaram criar ambientes favoráveis à discussão com atores no contexto escolar (RIBEIRO *et al.*, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Psicologia como Ferramenta de Enfrentamento aos Discursos de Ódio no Ambiente Escolar

As escolas têm sido alvo de repetidos atentados violentos nos últimos anos, que não por acaso chocam a sociedade, servindo à expressão de discursos odiosos e da barbárie (MACHADO; FONSECA, 2023). O fato destes eventos ocorrerem em escolas merece atenção, tendo em vista que quando a barbárie está em cena, a sociedade como um todo é transformada, impactando os espaços de transformação social (HOFF, 2023). O território escolar é impactado tendo em vista sua potencialidade na construção e ampliação dos vínculos afetivos, aprendizado, crescimento, socialização e diversidade.

O debate sobre discursos de ódio tomou maior proporção no nosso cotidiano no início de 2023. O aumento dos números dos ataques às escolas evocou um clima de insegurança nas instituições de ensino, inclusive nas instituições de ensino básico e superior que habitavam, o Instituto Federal e o Centro Universitário. Diante deste cenário, seja através dos discentes estagiários em Psicologia escolar/educacional que já estavam inseridos no campo, seja através dos debates em sala de aula, o enfoque sobre discurso de ódio e o território escolar compartilhados por nós.

Reunidos pelo interesse em construir um espaço coletivo para debater essa e outras temáticas sobre Psicologia escolar/educacional na formação universitária, a criação do projeto de extensão veio com o intuito de discutir sobre discurso de ódio no território escolar. A partir disso, delineou-se a proposta de um grupo de estudos com os discentes do curso de Psicologia e, ao mesmo tempo, de uma pesquisa-intervenção com juventudes na escola. O projeto contou com 16 extensionistas em 2023.2, dos quais seis participaram da organização e da experiência do curso de extensão relatado neste estudo.

No curso de extensão debatemos referenciais teóricos sobre discursos de ódio, bem como as reações e sentimentos despertados no grupo diante dos assuntos abordados. Assim, o enfoque não foram apenas as materialidades provenientes dos participantes do curso, mas também nossos sentimentos, angústias, inseguranças e questionamentos sobre a nossa própria formação,

inclusive sobre como mediávamos os encontros do curso de extensão frente a temáticas tão sensíveis com os secundaristas. Por estarmos no lugar de facilitadores do curso foi possível refletir sobre os vínculos estabelecidos e o papel dos estudantes enquanto protagonistas de seus processos.

A mediação dos encontros foi essencial para o desenvolvimento do processo formativo dos universitários, uma vez que nossa atuação enquanto profissionais psicólogos também era um vetor formativo da ação de extensão. O significado internamente atribuído às nossas reflexões era externalizado por meio de nossas ações, afetando o grupo, a nós mesmos, e ao meio, possibilitando o diálogo de realidades diversas enunciadas nos diálogos (PIRES, 2023).

A união gerada no grupo, trouxe uma nova perspectiva de desenvolvimento, pois nos aprofundamos nos contextos vivenciais sobre discursos de ódio vivenciados pelos participantes, relacionando conceitos gerais com acontecimentos do cotidiano relatados, tanto na esfera individual, quanto na esfera coletiva que foi o foco da vivência do curso.

Tais experiências, no entanto, só foram possíveis mediante planejamento, organização e discussão de cada atividade elaborada para os encontros. Ainda que houvesse o cronograma de ações, estas não foram arbitrariamente indicadas aos participantes, foram pensadas diante das demandas do grupo e este foi um dos principais desafios para nós, extensionistas. Como graduandos em psicologia, a diversidade de experiências vivenciadas no curso de extensão enriqueceu nossa formação. As habilidades que possibilitaram aos alunos construir em conjunto com os facilitadores o percurso da extensão não foi apenas uma um repasse de informações sobre o discurso de ódio, foi uma troca de vivências, com o auxílio do acolhimento grupal, guiado rumo à uma autonomia e formação subjetiva desses jovens.

Extensão e formação discente na Escola Pública: Notas sobre a contribuição da Psicologia Escolar e Educacional

Ser parte da equipe de facilitadora do curso, nos trouxe um sentimento de pertencimento grupal, surgiram partilhas, onde as reflexões atravessaram nossa formação,

nos tirando do local de meramente profissionais munidos de teoria, nos realocando para o espaço de escuta ativa, resultando em uma produção da nossa própria formação. Durante as atividades desenvolvidas, aos termos a possibilidade de aproximação dos participantes do grupo, o sentimento de gratidão era despertado, conforme a confiança era depositada na equipe facilitadora, o que ocorreu com tanta fluidez, que facilitou a comunicação e entendimento das narrativas apresentadas.

A confiança que foi se mostrando nos encontros, não foi referente apenas entre os membros, mas também individuais dos facilitadores, foi perceptível, que havia uma evolução profissional se destacando, todas as teorias começaram a fazer sentido e dar lugar também a novos significados, quando entendemos que a realidade apenas se aproxima da realidade, podemos nos preparar para lidar com o imprevisível, nos fazer como bons profissionais psicólogos, mas não necessariamente como perfeitos. E sair desse lugar de excelência obrigatória, nos abre possibilidades para acolher o outro com mais humanidade do que apenas técnica e estratégias feitas.

Ao estudarmos sobre os vários discursos dirigidos aos corpos de maneira violenta, encontramos as possibilidades de enfrentar a disseminação dos discursos de ódio. O curso de extensão nos permitiu construir coletivamente um lugar seguro de partilha e acolhimento, assim como também de entender diferentes formas de nos posicionarmos, sendo responsáveis com o devido cuidado das problemáticas apresentadas em grupo.

A compreensão da psicologia enquanto agente transformador nesse contexto pode interferir na maneira em que os participantes da escola identificam e lidam com os problemas e desafios na construção desse espaço escolar (MACHADO, 2008), uma vez que tanto profissionais, quanto alunos, com o direcionamento correto, acabam adotando uma autonomia reacional, diante do enfrentamento dos desafios, que não seria possível sem o apoio psicológico (NUNES; OLIVEIRA; MELO, 2019).

Compreendemos essa experiência de extensão como um dos espaços possíveis, para que os participantes, não só obtivesse informações sobre a temática abordada, mas também como lugar de partilha, e de criação de uma rede, que não seria possível apenas com a existência do ambiente escolar, mas foi necessário a atuação de profissionais da psicologia, para orientar e agir em

conjunto com o grupo, para clarificar as possibilidades de acolhimento entre os próprios alunos, assim como também o fortalecimento e aprofundamento da relações. Os afetamentos dos discursos de ódio dão lugar a um tipo de disciplinaridade na escola, que é adotada como forma de não deixar que os alunos sejam agentes nesse trabalho disseminador de ódio, ocupado em sua maioria, nesse meio educacional um caráter informacional, mas deixando de lado questões vivenciais desses alunos, que são agentes de suas realidades.

Ao utilizar ferramentas artísticas, para a condução do curso, se buscou evidenciar aspectos críticos, a serem desenvolvidos nos alunos, além de promover essa autonomia vivencial sobre suas experiências, é um produto do que se origina de uma ação dos participantes, abrindo espaço para que os olhares sejam colocados sobre os conhecimentos diversos, não somente sob a visão do profissional. É uma maneira de validar a existência dos sujeitos e suas narrativas (SOUZA, 2018).

Pode-se referir ao saber como uma forma de poder, já que “O indivíduo deseja saber para melhorar seu destino, e isso desde suas primeiras experiências de infância” (LAVAL, 2019, p. 33), o sujeito em qualquer contexto busca se instruir para que tenha acesso a melhores oportunidades e atender suas necessidades de bem-estar. Na prática em psicologia durante a graduação, encontramos desafios para a compreensão de perspectivas alternativas às aquelas que já estamos habituados, na observação que fizemos em estágio básico passamos em escolas de ensino fundamental de natureza particular, onde as intervenções em psicologia se centravam em rastreamento de transtornos e dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento, além de focar no desempenho escolar nas disciplinas tradicionais da educação geral básica, ao voltar as intervenções a ambientes institucionais de educação pública profissionalizante, pôde-se perceber que o objetivo das práticas em psicologia já não se centravam apenas na aprendizagem e desempenho acadêmico, mas tinham uma preocupação na formação pregressa de suas narrativas de afirmação e das características subjetivas dos adolescentes, com pautas educacionais mais progressistas, com atenção as realidades específicas dos adolescentes na superação de entraves sociais e psicológicos.

De início quando é feita a proposta de criar um diário para cada participante, é tratada uma abordagem alternativa àquela onde alguém que possui um saber



instrui aos que ainda não conhecem tão profundamente o tema explorado, onde as impressões são elaboradas horizontalmente, na construção de saberes a partir do repertório que os participantes possuem e aquele que adquirem a partir de produções e discussões coletivas; podendo entender a vivência pessoal de cada um sobre o discurso de ódio, de forma física, psicológica e virtual. Adorno (2000) defende que as escolas devem possibilitar o dinamismo das disciplinas, superando as barreiras de classe mesmo em idade precoce, sendo inseridos a uma realidade diversificada de ideias, desde a pré-escola até o mais alto grau de instrução.

As experiências vividas pelos participantes, mostram em primeiro momento uma timidez, mas conforme falam a respeito das situações que viveram, criam vínculos conosco e entre si. À medida que avançamos nas discussões, eles começam a se identificar conosco, buscando informações sobre o que gostamos e se temos algo em comum aos interesses deles; desde que dentro dos limites, para preservar a qualidade da pesquisa e das intervenções. Foi possível perceber que os relatos também nos afetam de forma a revelar situações de sofrimento e repercussão na vida daqueles adolescentes, como situações de desrespeito ao gênero, sexualidade, religião, características corporais e étnicas, além de outros condicionantes abordados, como concepções políticas e ideológicas; embora os temas abordados tenham relativa maior complexidade, os participantes mostraram conseguir dialogar e explorar os temas, também elaborada de maneira própria a partir do era facilitado, ao ponto de nos revelar práticas violadoras dentro e fora dos ambientes institucionais, por outros adolescentes, conhecidos, amigos, parentes e profissionais.

Para isso, pode-se dizer que a psicologia escolar e educacional têm tarefa atuante nesse sentido, pois a prática do psicólogo nesse cenário visa o comprometimento ético e profissional com práticas que garantam uma política emancipatória dos sujeitos, se indignando diante de práticas que coloquem esses indivíduos diante de preconceitos e discriminações, retirando sua qualidade de pessoas humanas de direito, quando ocorrerem práticas disciplinares e pedagógicas violadoras dessa dignificação (SOUZA, 2009).

Nos encontros foi possível observar que, embora houvesse uma boa relação entre os participantes, os grupos de amigos que já existiam anteriormente à intervenção se

mantiveram. Isso revelou que o cotidiano do grupo era vivenciado de forma compartilhada e, assim, foi possível ajudá-los a criar e melhor entender as informações repassadas na mediação da intervenção. Desse modo, aprendemos a desenvolver nosso manejo enquanto psicólogos, bem como apurar nossas impressões sobre a adolescência com conflitos que atravessam o cotidiano desse público.

Embora tenha como base a ideia de que os sujeitos seriam colocados em um ambiente onde as ideias pudessem ser liberadas, ainda era necessário aproximar essas pessoas, realizar uma integração desses indivíduos, que então inteiros, podem dar início a um processo de aprendizagem, a partir de suas necessidades, então surge daí uma oportunidade para a psicologia de contribuir para um processo pedagógico de crescimento para esse aluno, onde é possível encontrar diálogo no processo de aprendizagem, com seus interesses sendo levados em consideração, mesmo com críticas à psicologia, havia muito campo para atuação da psicologia na escola, como propunha Saviani (2011). Para isso, a contribuição dos professores é necessária para que a atuação dos psicólogos seja mais efetiva. Ainda persistem resistências entre a classe de educadores, a não compreensão da atuação e função dos profissionais de psicologia no ambiente educacional (NUNES; OLIVEIRA; MELO, 2019).

Quando perguntados de início muitos dos participantes estavam interessados em aspectos mais voltados ao retorno da atividade para suas horas complementares, em detrimento da temática, mas que no decorrer da formação começaram a pensar criticamente e articular ideias e criativamente se aproximar dos temas em questão, o que nos deixou entusiasmados com os resultados de cada intervenção, contudo também houveram momentos em que uma parte considerável dos participantes faltava, o que gerava tensão e receio da viabilidade do estudo, mas que no encontro seguinte esse sentimento era abrandado devido uma maior presença, já que a maior parte das faltas e desistências advêm de motivos pertinentes e compreensíveis para a realidade dos participantes, com a coleta de informações por parte de estagiários que estavam no campo em questão, a psicóloga da instituição e outros profissionais a que a coordenadora da pesquisa tinha acesso e se comunicava regularmente, ao nos encontrar novamente com os faltosos, era comum ouvir dos formadores um encorajamento e uma leve

cobrança para que não faltassem os momentos seguintes, sempre com um tom de incentivo e acolhimento, sempre deixando claro que a presença dos participantes era vital mas não se sentissem obrigados a estar ali, dando liberdade para criticar, construir e sugerir mudanças na condução daqueles momentos.

Pensando nisso, é preciso também reafirmar o que foi dito por Gallo (2004, p. 90) que deve-se priorizar “Uma Educação para muito além da disciplinarização e da técnica [...]. Uma educação voltada para o cuidado de si mesmo e do outro, possibilitando novas formas de produção de si e de relações com os outros”, assegurando que esse lugar da escola além de emancipatório seja relacional e humanizador, proporcionando novas formas de intervenção e trabalho coletivo, com todos os profissionais envolvidos na educação escolar, bem como a família e facilitando a relação escola-comunidade, entendendo que, na atuação, a psicologia, não age sozinha (MACHADO, 2008).

Precisa-se que a atuação de psicólogos escolares e educacionais estejam de acordo com as perspectivas de atuação, através da produção de respostas aos desafios envolvidos na dinâmica entre escola e capitalismo, além dos espaços organizativos e políticos, atuando também na formulação de políticas públicas, priorizando o compromisso com as formações das mais variadas dimensões do sujeito humano, não somente de parâmetros de produção e mercado (SOUZA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do discurso de ódio é elemento transversal à realização do curso de extensão construído nessa pesquisa. Tal fato possibilitou que os resultados provenientes do momento formativo fossem coletivos e

permeados por afetos e singularidades presentes no grupo, entrelaçando as experiências de extensionistas, pesquisadores e estudantes em uma construção coletiva. Dessa forma, o contato dos discentes em Psicologia com o desenvolvimento de tal prática mostrou-se como potente experiência formativa em Psicologia Escolar, possibilitando contato com o desenvolvimento de pesquisa e extensão simultaneamente, além de abordar temáticas atualmente pertinentes à atuação em Psicologia Escolar. Os estudantes também puderam, em conjunto com os graduandos experimentar processos de vulnerabilização e partilha através das temáticas suscitadas pelo curso de extensão, implicando-se também como sujeitos individualizados durante o processo, sendo mais do que meros espectadores da atividade ocorrida.

Ao final da formação, depois de construir e produzir narrativas, artes e diálogos a respeito do tema, foi possível deixar marcas significativas na produção de espaços mais acolhedores e comprometidos com a dignidade daqueles sujeitos, que a escola seja um lugar de produção de pessoas e não somente de profissionais, aprendendo e ensinando como ser relacional, como ser autêntico, pensar criticamente e por conta própria, contribuindo para que se tornassem mais que repetidores e conteudistas, sujeitos que constroem e produzem algo no campo das ideias de forma autônoma.

Contudo, cabe ressaltar que devido ao caráter da Pesquisa-Intervenção desenvolvida, os resultados e desdobramentos ocorridos estão intrinsecamente ligados ao espaço e à instituição ocupados, individualizando estes resultados e processos de pesquisa dos demais. Ainda que as conclusões e percepções atingidas sejam válidas para o referido contexto, não configuram resultados definitivos e replicáveis sobre os processos ocorridos na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

AGUIAR, Kátia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 27, p. 648-663, 2007.

BARBOSA, Rejane Maria; MARINHO-ARAÚJO, Clasy Maria. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 27, p. 393-402, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300011>.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. [s.l.] Editora Unesp, 2021.



GALLO, Sílvio. Repensar a Educação: Foucault. **Educação & Realidade**. v. 29, n. 1, p. 79-97. 2004.

GUZZO, Raquel S. L. *et al.* Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, p. 131-141, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500012>.

HOFF, Fernanda Dornelles. O sujeito em constituição e o traumático: ecos da violência. **SIG Revista de Psicanálise**, v. 12, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.59927/sig.v12i1.67>.

KROEF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diario de campo y la relación del (a) investigador (a) con el campo-tema en la investigación-intervención. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Boitempo editorial, 2019.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas Juvenis e Agrupamentos na Escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**. vol. 45, n. 1, p. 103-118. 2014.

MACHADO, Adriana Marcondes. Exercer a postura crítica: desafios no estágio em Psicologia Escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 03, p. 761-773, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001112013>.

MACHADO, Adriana Marcondes; FONSECA, Paula Fontana. Violência às escolas: reflexões. *Periscópio: Portal de Divulgação Científica do IPUSP*, 10 abr.2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/violencia-as-escolas-reflexoes/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MACHADO, Adriana Marcondes. Os psicólogos trabalhando com a escola: intervenção a serviço do quê? In: MEIRA, M.E.M.; ANTUNES, M.A.M.(Orgs.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2ª ed. 2008.

MIRANDA, Luciana Lobo *et al.* A relação Universidade-Escola na formação de professores: Reflexões de uma pesquisa-intervenção. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 2, p. 301-315, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703005172017>.

MIRANDA, Luciana Lobo *et al.* Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 245-254, 2016.

MIRANDA, Luciana Lobo *et al.* “Como Quebrar os Padrões Sociais?”: o Racismo no Cotidiano de Jovens Pesquisadores. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. spe, p. e230089, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230089>.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; OLIVEIRA, Artur Bruno Fonseca de; MELO, Aline Guilherme de. Psicologia escolar na escola pública: desafios para a formação do psicólogo. **Psicologia da Educação**, n. 48, p. 3-11, 2019.

RIBEIRO, Diana Montenegro *et al.* Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 81-93, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo. 11ª Ed. Autores associados, 2011.

SOUZA FILHO, José Alves de *et al.* Notas sobre a formação do psicólogo escolar/educacional: revisão sistemática de 2009-2019. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e243249, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-243249>.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicologia escolar e educacional**, v. 13, p. 179-182, 2009.

VERONESE, Lilian Aracy Affonso; MACHADO, Adriana Marcondes. O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. e225808, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392022225808>.